



PRATICAR O DIREITO! AMAR O AMOR! ANDAR HUMILDEMENTE COM DEUS! (Mq 6,8)

Maria de Lourdes Santos SOUZA*

RESUMO

O texto do profeta **Miqueias** (Mq 6,1-8), deixa entrever os tempos passado e presente marcados por um juízo divino, tendo como pano de fundo a religiosidade ética. O profeta fala com clareza da inversão dos valores exigidos por YHWH e dos vividos por Israel. Os oráculos de **Miqueias** representam um aviso bem claro, de que o caminho da desobediência levará Judá e Jerusalém ao desastre. Podemos dizer que o texto de Mq 6,1-8 é um verdadeiro resumo do efeito do pecado e da oferta da salvação, porque traduz o engajamento do crente, que se esforça em viver na sua realidade cotidiana a atitude de fé requisitada no compromisso divino e a possibilidade oferecida para uma nova ação de fidelidade a YHWH. O comportamento ético determinado por **Miqueias** não propõe um programa concreto de reformas, mas insiste em um princípio de conduta já conhecido: prioridade do direito de Deus e da justiça social. A prática da justiça e do direito não significa pensar honestamente, mas empenhar-se em fazer justiça na vida cotidiana e nas relações sociais. A busca do amor e da verdade não aspira somente à ética, mas ao comportamento solidário com o próximo. Caminhar humildemente com YHWH é ser obediente em seu caminho, é respeitar o direito, agir com solidariedade, fraternidade, é preferir a lealdade.

Palavras-chave: Miqueias. Ética. Justiça social.

* Doutora em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro(PUC-Rio).
Docente do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

1 INTRODUÇÃO

Os livros proféticos narram a intervenção divina na vida e destino dos povos e indivíduos. O pecado de Israel e as advertências de YHWH representaram para os profetas os dois pontos principais para a compreensão de que a História de Israel constitui um entrelaçamento da ação divina e da resposta humana. Sendo assim, a história é sempre uma história de decisão entre a rejeição e a conversão a Deus. Esta preferência é que determinará o futuro.

Deus requer que as escolhas humanas sejam medidas por sua conduta, desta forma a fé é vivida concretamente na prática das normas de vida e do comportamento exigido por Deus. Essas exigências relacionam-se não apenas à relação do homem com Deus, mas também às relações do homem com a comunidade. Assim, o conhecimento da vontade divina e o comportamento humano formam uma única unidade. Isto é que conferia uma marca especial para Israel e o qualificava diante de outras nações.

Sendo um texto paradigmático, ao tematizar claramente a condição para corresponder à vontade de Deus, o estudo do texto permite apresentar a possibilidade de uma harmonia entre vida interior e prática em um agir justo. Mq 6,1-8 prevê, sobretudo em seu versículo final, um modelo executável para se viver com integridade as **Escrituras** e a revelação de Deus ao longo da história.

2 O LIVRO DE MIQUEIAS: SUA FORMA E AMBIENTAÇÃO

Nos três primeiros capítulos, **Miqueias** apresenta a culpa de Samaria, Judá e Israel. Inicia seu trabalho literário com um endereçamento completo e ininterrupto, começando com um discurso de julgamento contra Samaria e, com uma convocação enfática, lamentando o desastre que breve cairá sobre as cidades de Jerusalém e Judá. Ao mesmo tempo, introduz seu discurso de lamento a respeito dos vários infortúnios. Uma referência à salvação é feita numa breve interpelação em 2,12-13.

Os cc. 4-5 focalizam o tema da salvação com radiantes promessas a Sião no panorama de um quadro escatológico. Neles, encontramos oráculos de esperança messiânica, o anúncio do futuro reino universal centralizado em Sião. Sendo assim, proclama a salvação futura para Jerusalém e Israel. Mas esses dizeres, que incluem

o futuro das nações, não mencionam em nenhuma passagem a culpa de Israel em tons de acusação. 5,10-14 prevê o julgamento como uma purgação para acabar com a idolatria do culto e do Estado, sendo que, exceto por esta passagem, os cc. 4-5 são uma coleção de oráculos de salvação reunidos para formar a contraparte das profecias de julgamento nos cc. 1-3. O mesmo Deus que castiga restabelece e abençoa as pessoas novamente¹.

Em alguns textos do c. 6, encontramos uma linguagem que lembra os primeiros capítulos: em 6,2-8 a palavra **justiça** pode estar relacionada a 3,1.8-9. Entretanto, nos primeiros capítulos, o profeta **Miqueias** se refere à justiça como motivo para julgamento, enquanto que em 6,2-8 está mais preocupado com o retorno de Israel ao Senhor. O profeta que fala por YHWH resume o que ele sempre exigiu: justiça, lealdade e uma vida que seja amplamente vivida na submissão a Deus. Este tripé que define os requerimentos divinos estabelece as afirmações sobre as quais ambos os anúncios seguintes de julgamento (6,9-16) e a confissão do pecado (7,1-7) estão baseados; ambos alternadamente expõem a ausência de justiça e lealdade na vida do povo.

Em 6,9-16 há uma semelhança maior com os primeiros capítulos – discurso de julgamento e a culpa de Israel. A diferença está no estilo das acusações e na exposição do julgamento. Além disso, outros detalhes linguísticos tornam mais provável uma data posterior de composição, apesar de pertencerem ao espírito profético de **Miquéias**.

A lamentação em 7,1-7 recorda 1,8 e 2,1 também de forma diferente – os injustos são designados de maneira diversa da encontrada nos cc. 2-3. Apenas indiretamente e com total superficialidade falam sobre as nações ou sobre a salvação futura (7,7). Portanto, as três passagens de 6,2–7,7 não sugerem tanto a autoria de Miquéias, mas de um discípulo profético que continuou a sua obra para uma nova era (WOLFF, 1990, p. 17-18). O texto final (7,8-20) fala da promessa e esperança de salvação, concluído com um salmo. Esses versículos que apresentam passagens litúrgicas nas quais a própria comunidade de

¹ O complexo destes capítulos foi reunido à coleção de **Miqueias** como uma maneira de mostrar que o drama de julgamento que se desenrola não exaure o propósito de YHWH com Israel (MAYS, 1976, p. 25).

adoradores fala, não indica nenhuma relação com qualquer parte principal do livro de **Miqueias**, embora se faça ecoar em todas elas².

Apesar de apresentar textos distintos que podem ser claramente reconhecidos segundo seus temas centrais e seu endereçamento, as interpolações inseridas indicam que a justaposição destes complexos principais criam uma interdependência entre as partes³. Encontramos nestes complexos comentários mais longos ou mais curtos, trechos litúrgicos, algumas profecias divergentes, mas que ao mesmo tempo, ligam um grupo ao outro (cf. 1,2 com 5,14; 3,8 com 6,8; 7,7 com 7,8). No entanto, estas ligações não esclarecem nosso entendimento na história da formação do livro; podemos fazer somente uma relativa cronologia dos textos.

Enfim, o livro de **Miqueias** se apresenta como uma coleção de oráculos, contendo muitas camadas de textos proféticos. Essa coleção contém elementos de épocas completamente diferentes, sendo, porém, seu núcleo de base as palavras do profeta **Miqueias** do séc. VIII. Sendo assim, suas palavras foram preservadas por seus discípulos por várias gerações. As camadas redacionais não estão, contudo, esclarecidas. Presume-se que **Miqueias** tenha criado, nas suas composições, um contexto maior de sentido de palavras (OBERFORCHER; HENTSCHEL, 1996, p. 153). Essa intenção sustentada é que se torna guia para se seguir o curso da criação do livro. Porém, não existe a esse respeito um mesmo consenso de investigação.

As promessas expressam a certeza de que YHWH irá retomar o seu povo e protegê-lo. Sião se tornará o centro de uma maravilhosa história de renovação.⁴ A salvação de um “resto” por YHWH será a revelação de que a existência e o papel da nação estão sob o seu propósito e poder. Esta proclamação é endereçada a todos os povos, o julgamento que veio de Israel será estendido a todos.

O que não pode ser omitido é que o propósito desse julgamento é trazer a paz e a prosperidade, um reino de palavra e instrução. Essas promessas são de estilo bem variado, tiveram acréscimos ligados ao culto, à redação e em sua estrutura. O

² A referência aos pecados que devem ser removidos e à ira que não será retida para sempre é sugerida pela proclamação de **Miqueias** nos caps. 1-3; que ninguém possa viver sem o perdão dos pecados é apontado em 7,2-6; e, que o perdão pressupõe a proclamação da salvação é atestado nos c. 4-5 (WOLFF, 1990, p. 25).

³ Wolff distingue quatro complexos: capítulos 1-3; 4-5; 6,2-7,7; 7,8-20 (WOLFF, 1990, p. 18).

⁴ Sião se tornará o centro do mundo porque é o lugar do qual YHWH reina, e onde ele reina por instrução de sua Palavra, nações terminam sua rebelião e a paz tem lugar (MAYS, 1976, p. 6).

que podemos identificar de mais uniforme são as três garantias de libertação, que, neste meio tempo, levaram a filha de Sião ao desastre e aflição (WOLFF, 1990, p. 14)⁵. Assim, podemos concluir que todos estes fatos novos criaram uma nova visão das profecias de Miqueias. Deve-se admitir, então, que a unidade das seções é redacional e não original. Provavelmente, a história redacional e origem literária podem ser fixadas da seguinte maneira: cc.1-3, como primeira coleção da profecia de desgraça de **Miqueias** datada na virada do séc. VII/VI a.C.; a profecia de salvação nos cc. 4-5 acrescentada posteriormente em contraponto teológico no séc. VI/V a.C.; novamente de desgraça em 6,1- 7,7, que considera uma nova recepção de **Miqueias** e composição de texto, e finaliza com a salvação em 7,8-20, com um acorde hínico, cuja seqüência (vv. 18-20) acentua a convicção básica de que a punição e o extermínio nunca poderão ser a última Palavra de Deus.

Desta forma, a coletânea de **Miqueias** foi trabalhada de acordo com um plano histórico e teológico em uma organização redacional que lhe permitiu um sentido e unidade. Portanto, não se trata de adições superficiais, mas de uma moldura que deu ao livro uma coesão. Esse processo torna-se visível pelas características de estilo, linguagem e preocupação correlacionadas com a crise Babilônica. Essa é a hipótese que este estudo assume, sem, no entanto, desconhecer a existência de outras alternativas.

3 MQ 6,1-8: PERSPECTIVAS BÍBLICO-TEOLÓGICAS

O livro de **Miqueias** pode ser estruturado em duas partes: cc. 1-5 e cc. 6-7, sendo cada uma delas caracterizada por uma disputa relativa ao destino de Israel. A inter-relação das partes torna-se evidente nas profecias de julgamento e salvação, o que nos sugere como base que o julgamento da justiça divina é sempre preservar e perdoar o povo. Portanto, essa dinâmica interna do livro convence-nos de que a punição e a vontade de extermínio nunca poderá ser a última Palavra de Deus.

A unidade a ser analisada (Mq 6,1-8) pertence à segunda parte do livro e possui como tema a disputa judicial de YHWH contra Israel. O texto está estruturado

⁵ Mays acrescenta que este material variado foi organizado e revisado para ser integrado no movimento dos c. 1-5, para ser lido e ouvido entre o testemunho com o qual YHWH confronta as nações (MAYS, 1976, p. 28).

em três seções: vv. 1-5; vv. 6-7 e v. 8. A primeira seção (vv.1-5) se articula em duas partes – a primeira parte com os vv. 1-2, que introduzem a disputa de YHWH contra Israel: a primeira ação originária de Deus tem por objeto as montanhas e colinas e a segunda concerne a Israel. YHWH age em direção a seu povo como o Criador, o Senhor a quem todos devem se submeter. Israel é convidado a se preparar para a disputa judicial ou para uma escolha definitiva. Este encontro nos revela o desejo que o Criador possui para sua criatura – a conversão. A segunda parte, os vv. 3-5, narram os atos benevolentes de YHWH para Israel. Pelas palavras do profeta, deduz-se que o Deus de Israel é também aquele que guia, é o padrão de retidão.

A segunda seção (vv. 6-7) trata da questão dos israelitas sobre como afiançar o perdão de YHWH pelos pecados cometidos. Os sacrifícios parecem ter preços justos para comprar o perdão do pecador. Mas Deus recusa seus sacrifícios porque não são sinais de uma verdadeira conversão, parecem mais presentes para obter sua complacência. YHWH não se deixa corromper, todavia, não desiste de conquistar o ser humano e aponta mais uma vez o acesso à sua proteção divina.

A terceira seção (v. 8) consiste na formulação das exigências de YHWH. É lembrado ao povo algo que já fora dito antes; trata-se das normas fundamentais que orientam o ser humano no caminho do bem. Não um conhecimento teórico, mas uma norma de conduta, expressa em uma vida submetida ao conhecimento do direito e do amor divino e ao caminhar humilde segundo a vontade de YHWH. Exigências que colocam em jogo a totalidade da pessoa: sentimento, vontade, compromisso e empenho em fazer do direito e da justiça a inspiração para realizar todos os atos com amor.

3.1 1ª. SEÇÃO: O PROCESSO ABERTO POR YHWH (VV. 1-5)

No séc. VIII havia um total desrespeito aos princípios básicos de Deus. Isso era verificado pelas próprias regras da sociedade que conspiravam e destruíam as famílias, além do abandono das obrigações éticas. As ações desonestas de lideranças que só visavam o lucro ameaçavam a vida humana. É este o pressuposto básico de Mq 6,1-8: a desordem social tanto em Judá como em Israel. Mas, à luz da revelação divina, **Miqueias** expõe os problemas do povo e aponta para o caminho de volta para Deus, na direção do plano divino dirigido ao ser humano. O apelo do

Senhor possui uma fala não de raiva, mas de amor. O profeta quer conscientizar o povo de seu pecado para que possa fazer o caminho de YHWH e em contrapartida, o povo responde à alegação divina, com ênfase em trapacear no culto sacrificatório em favor de YHWH.

Os vv. 6,1-2 preparam o ambiente para que YHWH apresente sua queixa assim como a esperada conversão do povo. O v.1 anuncia a epifania do Senhor com fins de julgamento, em uma convocação solene para chamar atenção: “Escutai, agora, o que o Senhor diz” (Mq 6,1)⁶. A expressão verbal **escutai** é frequentemente empregada nos escritos proféticos (cf. Am 3,1; 4,1; 7,16; 8,4; Is 1,10; 28,14; 36,13; 39,5; Jr 2,4; 7,2; 19,3; 21,11; Ez 6,3; Os 4,1). Este imperativo marca o começo do primeiro e do segundo ciclos dos oráculos de julgamento e salvação de Miquéias. A citação é dirigida às montanhas, que são chamadas como ouvintes, assim como as colinas, para participarem da disputa legal, já que os insensatos e descuidados não o fazem. As montanhas e colinas são de uma importância capital na cosmogonia antiga; elas são o sustento do universo. Elas eram ainda consideradas como lugar alto para os cultos idólatras dos canaanitas⁷, mas em Israel não era esta a opção, eram jurados simbólicos. Céu e terra são chamados para representar o mesmo papel. O processo tem aqui amplidão cósmica, montanha e firmamento estão representados como extremos opostos simbolizando a totalidade do universo, unindo altura e profundidade, permanência e estabilidade (WALTKE, 1988, p. 728).

As palavras do profeta devem preparar os seus ouvintes para o drama que se segue. O v. 2, “Escutai montanhas a querela de YHWH” (Mq 6,2), inicia com um novo apelo à audiência cheio de significado, porque o Senhor, apesar da demonstração de sua ira na seção anterior (5,14), não cessa seus esforços em abrir os ouvidos das nações. Um tribunal será aberto, tendo YHWH como juiz e o povo de Israel no banco dos réus. É um texto mais profundo do que uma simples chamada de atenção, pois só neste segundo chamado são anunciadas claramente as partes envolvidas na disputa. É o Senhor que põe em procedimento formal sua queixa contra o povo. O Senhor fala primeiro ao profeta, e é ele que aparece como um

⁶ Essa convocação é enfatizada com a partícula *an*- (agora, ou por favor), como em 3, 1.9, já que no oráculo anterior, houve uma recusa da audiência (WOLFF, 1990, p. 172).

⁷ O apelo às montanhas e colinas, se explica também pelo uso hitita de invocar as forças divinizadas da natureza como testemunha de uma aliança. Menções referentes se encontram em outros povos da antiguidade (VUILLEUMIER; KELLER, 1990, p. 70).

representante da queixa divina transmitindo-a ao povo, para que este não seja um simples expectador. Israel é considerado como culpado, mas o profeta argumenta com o povo com compaixão e ternura para trazê-lo ao arrependimento. YHWH, por meio desta disputa judicial, quer conduzir seu povo novamente para junto de si.

Há insistência de Deus para que o julgamento seja ouvido não somente pelo público, mas também com a presença das montanhas e dos fundamentos da terra. YHWH é o verdadeiro Senhor do universo - terra e céu representam aqui a solidez, duração, permanência da criação divina. Quem age no juízo não é diretamente YHWH, mas todo o cosmos, apresentando a culpa de Israel como o reverso da criação. Cabe a Israel o dever de respeitar os direitos e obedecer ao Senhor do universo. Isso sublinha a intenção de que suas negociações com o povo da aliança deveriam ser de domínio público e que o povo deveria viver à luz deste julgamento⁸.

Uma segunda vez é introduzida a expressão verbal **escutai** no v.2, cujo significado nos remete ao escutar a Deus, para fazer o que Ele diz. Quando se escuta com sabedoria, a palavra se converte em obediência (cf. Pr 23,19; 8,34; 19,27). Assim, obediência é uma expressão de avaliação agradecida para o que Deus fez e o que ainda fará. Neste sentido, a escuta deve levar o ouvinte a tomar uma atitude concreta, que pode ser positiva ou negativa⁹. YHWH desafia Israel a escutá-Lo com obediência, para mostrar suas obras justas, a fim de que o povo veja que não tem razões concretas para abandoná-Lo. O povo havia abandonado e se rebelado contra Deus, mas ele possuía alguma razão para fazer isso? Qual iniquidade seus antepassados encontraram em YHWH? Já que o povo não podia mencionar nada contra YHWH, o Senhor apontava seus inúmeros favores, os quais podiam ser revistos por todos.

Esta escuta ocorre dentro de um espírito de participação, relacionamento e proximidade, conforme o uso da preposição **com** (עִם) no v.2. Quando usado entre pessoas, um é visto como regente e outro como regido (SCHÖKEL, 1997, p. 503). A ação verbal **pleitear** (יָכַח) pertence ao âmbito do processo judicial e, no v.2d, a

⁸ Por três vezes, o Senhor havia declarado através de Moisés: “Eu chamo o paraíso e terra para testemunharem” (cf. Dt 4,26; 30,19; 31,28). Compare também com o Sl 50,1-6; todo salmo evoca um drama semelhante. Em Ez 36, 1-8, Deus fala às montanhas sobre o que vai fazer no julgamento das nações. A terra e tudo o que está nela são testemunhas de Deus e fazem tudo o que é ordenado (PRIOR, 1998, p. 170).

⁹ Até mesmo os pagãos podem, ao ouvir falar das ações maravilhosas de Deus, impressionar-se (cf. Js 2,10-11; 2 Cr 9,6-8).

forma verbal usada (*hitpael*) tem Deus como sujeito e juiz, constituindo-se o único caso na **Bíblia** (WOLFF, 1990, p. 174). Esta ação é encaminhada a estabelecer, em um debate, a razão ou falta de razão e, em um julgamento, o direito ou a culpa. Normalmente, busca o reconhecimento da parte que erra. É preciso lembrar que o debate é conduzido para uma reflexão que trará os israelitas para o caminho de volta a YHWH.

Após o anúncio de juízo do profeta, a própria divindade fala. Deus não repreende apenas, ele demonstra sua ativa participação na história em favor de seu povo¹⁰. A defesa de YHWH tem a intenção de mostrar que Israel, ao invés de se queixar de seu Deus, deveria agradecê-Lo pelas inúmeras maravilhas que Ele realizou. De modo algum, pode ter dado ao povo motivo para reclamação¹¹. Longe de ter fatigado seu povo, foi o Senhor que se fatigou por ele; fora ele que educara e inspirara os israelitas a uma ambição de liberdade animando-os com valentia no esforço de sacudir seus grilhões (cf. Dt 8,5; 32,6). Os atos divinos deveriam ter dado ao povo razões de gratidão e de obediência e não de fadiga e ingratidão. O profeta não especificou como as pessoas haviam expressado o seu cansaço. Deus é o queixoso e Israel deve se defender.

Se a passagem evoca a atmosfera do tribunal, a repetição da expressão **meu povo** nos vv. 3 e 5 mostra-nos uma linguagem mais pessoal e passional, sugerindo-nos que o processo não seja uma disputa entre inimigos, mas um desentendimento entre aliados, enfatizando o laço que existe entre eles. Apesar de todas os pecados dos israelitas, Deus ainda os considera como seu povo. Não há uma acusação ou sentença após a convocação da corte de justiça, mas somente um discurso de auto-defesa do Senhor, cujas palavras são animadas não pelo desejo de autoafirmação, mais sim pelo amor e misericórdia. O Senhor não atormenta o povo com uma lista enorme de erros cometidos, mas dirige-se a ele em um apelo amoroso, com um coração que foi partido pela rejeição.

Percebe-se neste julgamento acentos de uma grande dor. Isto se observa na pergunta: “Em que te cansei? Que fiz – ou faltei fazer – para trazer tal sentimento de tédio ou falta de interesse?” (Mq 6,3). Eles estavam cansados das demandas e

¹⁰ De maneira semelhante, também outros profetas recordaram os benefícios que Israel havia recebido de YHWH no passado; veja Am 2,9s; 3,1; 9,7; Os 2,17; 11,1; 12,14.

¹¹ Comparar com Is 5,4: “o que mais poderia ter feito por minha vinha que eu não tenha feito?” (HILLERS, 1984, p. 77).

restrições colocadas como condição de vida, achando-as pesadas e tediosas? Na verdade, é Deus quem possuía o direito de estar cansado de seu povo e de suas transgressões. No entanto, o Senhor não havia cansado de seu povo, ao contrário, havia oferecido benefícios infinitos. Deus proclama os eventos da história da salvação para fazer Israel reconhecer suas obras justas.

YHWH é quem toma a iniciativa e convoca o povo a testemunhar a seu favor. Suas aflições não são devido à sua infidelidade, mas à infidelidade do povo. Este desafio final é uma chamada para que Israel torne clara sua queixa e é ouvido frequentemente na controvérsia da disputa judicial (רִיב)¹². Uma acusação similar é dirigida a Israel através do profeta Isaías (43,22-24). O povo havia se enfadado na rotina de louvor e estava cansado dessa tarefa. Deus nega que Israel tenha sido sobrecarregado em seus requerimentos e quer que seu povo se concentre em seus atos de benevolência, porque sabe que necessitam de uma motivação adequada para que o relacionamento entre eles seja restaurado e renovado. Está claro que a única decepção foi do lado de YHWH e Israel não tem desculpas. Portanto, é preciso que experimentem o sentimento de gratidão por tudo o que Deus havia feito por eles e sejam impulsionados a tomar consciência de seus pecados.

O v. 4 inicia com a palavra enfática “de fato” (כִּי) que carrega a ideia do zelo do Senhor. Destaca as razões para a adoração ao Senhor e ao reconhecimento de seus atos salvíficos. A justiça divina é recitada de forma breve, com ênfase em eventos chaves na história vivida por eles, tempo em que caminhavam juntos. A saída do Egito (Êxodo histórico) é mostrada como uma importante ação divina na história em favor do povo. Como poderiam esquecer que haviam sido resgatados do cativeiro? Este evento, que é a confissão central da fé israelita, está unido à conquista da terra. Neste contexto, são comuns os termos “casa da escravidão”, “resgatar”, “libertar”, correspondendo à salvação do povo que ocorreu no passado. Israel havia concordado em obedecer (cf. Ex 19,8) e, por isso, a aliança é estabelecida (cf. Ex 24,8).

Quanto a Moisés, Aarão e Maria, Deus não somente os enviou, Ele os destacou para liderá-los. Deus dera a Israel líderes competentes - inspiração de

¹² Os profetas clássicos empregavam רִיב como um tipo de oráculo no qual o “acordo legal” de YHWH contra Israel era proclamado. Podem ser achados exemplos desta forma literária em quase todos os profetas pré-exílicos (cf. Is 1,2-9; 3,13-15; Jr 2,9-13; Os 4,1-3) (KELLEY, 1984, p. 41).

liderança. Moisés, Aarão e Maria, contrastam notavelmente com os magistrados, sacerdotes e profetas, que foram sentenciados e condenados em 3,1.5.9¹³. Moisés, como mediador e legislador de YHWH, estabeleceu a relação de aliança especial, que marcou Israel como entidade reconhecida nacionalmente. Mas, sua marca especial foi ter recebido uma revelação do caráter divino (cf. Ex 33,18-23), na qual toda sua glória e bondade são reveladas (cf. Ex 34,6-7). Moisés é raramente nomeado pelos profetas (cf. Os 12,14); já Aarão e Maria não aparecem em nenhum outro texto profético. Aarão é lembrado como porta voz de Moisés e mediador sacerdotal (cf. Ex 28,12); Maria, assistente de Moisés e Aarão, exemplo para a mulher de Israel, é mencionada como a profetiza que liderou as mulheres em coro para cantarem após a destruição do Faraó e de suas armas (Ex 15,20-21)¹⁴. Maria fora do contexto do **Pentateuco**, só é mencionada neste profeta sendo que os três nomes aparecem juntos somente em Nm 26,59 e em 1Cr 5,29.

Esses mediadores de Deus em favor do povo contrastam com a dupla de Balac e Balaão mencionada no v. 5, que prolonga a confissão de fé precedente. O poder divino é manifestado na libertação do Egito e na maldição de Balaão, que é transformada em bênçãos para Israel. A passagem do Jordão à entrada na Terra Prometida faz igualmente parte do ato essencial do qual YHWH salvou seu povo. Por isto, o povo é instigado a lembrar também do mal que havia planejado Balac mediante a intervenção do poder de Balão, chamado propositalmente do Oriente¹⁵. Mas, contra os planos de Balac, este adivinho, apesar da promessa de recompensa, por intermédio de YHWH, emanou uma poderosa benção a Israel em lugar da maldição. A repetição do vocativo **meu povo** (עַמִּי), unida com a convocação para se **lembrar** (זָכַר), indica mais uma vez que o discurso de autodefesa do Senhor objetiva uma conciliação, que deve passar pela memória, pela recordação que o povo fará do passado para atualizá-lo no presente e, ao mesmo tempo, aderir ao querer divino manifestado neste acontecimento fundador. Lembrar resulta em uma ação, por isso

¹³ O maior problema para o povo de Deus nos dias de **Miqueias** era a liderança. Era um tempo completamente corrupto, o povo não tinha modelos, nem exemplos inspiradores. Os sucedidos comerciantes eram como tubarões, os líderes políticos e legais estavam completamente fora de si e a hierarquia religiosa era uma brincadeira.

¹⁴ De acordo com a carta de **Tiago**, os três profetas são: Moisés, que ensinou a tradição e a lei; Aarão, que trouxe reconciliação ao povo; Maria, que instruiu as mulheres. Em Ex 15,20, Maria é designada somente como irmã de Aarão e não de Moisés. O problema do parentesco dos três personagens é muito complexo (VUILLEUMIER; KELLER, 1990, p. 71).

¹⁵ A história de Balaão e Balac é contada em Nm 22-24.

a palavra de juízo em Mq 6,3-5 exige que o povo recorde as ações salvíficas de Deus, com a finalidade que reconheçam que suas queixas contra YHWH são insustentáveis e se convertam. Israel deve lembrar e apreciar o que YHWH fez em seu nome e ordenar sua vida de acordo com as normas divinas.

A expressão verbal **tramar, planejar, maquinar, propor** (יַעַר) é utilizada para expressar o mal que Balac tramara contra Israel (HARRIS, 1998, p. 638). Balaão, ao invés de amaldiçoar o povo israelita, abençoou-o para a extrema confusão e irritação de Balac. A referência a Balaão é para confirmar a reversão involuntária na história; o Senhor tem o poder de cancelar e frustrar os planos do ser humano, de descartar o que o indivíduo propõe, pelo poder que possui sobre o seu coração. É YHWH quem assegura o cumprimento de seus decretos eternos; seu conselho permanece para sempre e os intentos de seu coração por todas as gerações. É provável que **Miqueias** esteja lembrando aqui a passagem de Js 24,9-10, quando, nos tempos de Josué, o Senhor recordava ao povo os acontecimentos significantes da história. Os que se lembram destes fatos redentores chegam a um conhecimento do Senhor, sendo capazes de corrigir os erros de suas vidas.

Após a salvação de Balaão, a travessia do Jordão é mencionada. Mais uma vez YHWH quer relembrar e vivenciar com seu povo todas essas experiências vividas anteriormente, que demonstravam o compromisso do Senhor em estabelecer seu povo na terra. A menção de Sitim é lembrada, como o mal que ali se cometeu: a cena da tentação de Balac conduzindo os israelitas para o caminho da idolatria e prostituição (cf. Nm 25,1-3; 31,16). YHWH exterminou os idólatras e conduziu os israelitas para Guilgal, para o primeiro local de assentamento na Terra Prometida, onde foi renovada a aliança com Israel (cf. Js 5,2-11). As ações justas de YHWH demonstram seu caráter íntegro. A dureza do coração humano não corresponde à sua graça.

Essa não era uma história antiga, pois o abismo cronológico entre o passado remoto e o tempo, então presente, foi ocupado por uma comunidade cuja herança cultural era mantida viva através das gerações. Esta atualização se produzia através do culto; o ensinamento e a representação destes fatos principais deveriam oferecer ao povo o verdadeiro conhecimento (lembrar, conhecer). A forma verbal **conhecer** (יָדַע) no v. 5 possui o significado do conhecimento que o ser humano tem de Deus, conhecimento de natureza pessoal e experimental, que indica discernimento,

pautado no reconhecimento de Deus como o Senhor (HARRIS, 1998, p. 597). Não é um conhecimento relativo somente à esfera intelectual, mas revela um conhecimento que envolve o ser humano em sua totalidade, colocando-o em profunda união com Deus, recebendo dele os dons oferecidos e a partir desses mesmos dons voltar-se para Deus com o mesmo sentimento de retidão e amor. Este seria o ministério do sacerdote: colocar este conhecimento sobre a base da **obras justas** (צְדָקוֹת) de YHWH.

O termo **obras justas/justiças** (צְדָקוֹת) no v.5, possui conotação de conformidade a um padrão ético ou moral, sendo que no AT esse padrão é a própria natureza e vontade de YHWH¹⁶. “Justo é o Senhor em todos os caminhos, benigno em todas as suas obras” (Sl 145,17). Esta palavra descreve três aspectos do relacionamento pessoal: teocrático, ético e forense. No sentido aplicado a Deus, **obras justas** possui o significado de retidão; tal retidão é o resultado dos atos de salvação e de vitórias divinas. Estas características divinas se tornam o padrão definitivo da conduta humana. A salvação divina não termina com o dom da Terra Prometida, mas com a transmissão do comportamento divino – a partir daí Israel teria possibilidade de prolongar por meio de sua fidelidade comunitária a história iniciada por YHWH. Neste sentido, justo é quem atende às exigências desta relação divina procedendo como protetor. Este é o conceito que corresponde aos atos salvíficos que YHWH realiza na história de Israel.

Ser justo indica lealdade a YHWH, um comportamento reto e ideal perante Deus, que constitui ao mesmo tempo a base para uma vida justa. A obediência a Deus é o caminho do seu povo, caminho de retidão que se manifesta somente mediante a conformidade aos padrões expostos na palavra divina. Deste modo, as características divinas se tornam o padrão definitivo da conduta humana. Pode-se dizer que justo é o que serve a Deus, o que oferece espontaneamente sem se preocupar em obter benefícios. A conduta reta só pode ser alcançada na justiça e na misericórdia que brota de um coração novo (cf. Ez 36,25-27). A ética verdadeira deriva da retidão conferida por YHWH – seus atos justos se convertem em força determinante para a própria história.

¹⁶ O termo צְדָקוֹת provém da raiz צָדַק que significa ser justo (justiça), honrado (honradez) em conduta e caráter. No plural צְדָקוֹת representa os atos justos e honrados de Deus (cf. também Jz 5,11; 1Sm 12,7) (HARRIS, 1998, p. 556).

No aspecto forense, aplica-se na igualdade de todos perante a lei. O ser humano não é julgado em relação à transgressão da lei humana, mas em relação à lei de Deus. No AT, ser justo e ser inocente possuem o mesmo valor. No caso de um litígio, ser justo significa estar isento de culpa em relação a qualquer transgressão da lei. É dever do rei e do juiz manter a retidão na comunidade. O Senhor é justo e juiz de toda a terra. Pelo fato de Deus ser sempre justo, sua ação salvadora é devidamente indicada por sua destra; sua retidão salvífica expressa-se mediante juízo, fidelidade, poder e amor. Pode-se concluir que este termo não apresenta, no texto de Miquéias, um significado jurídico, mas diz respeito à vontade salvífica divina. Trata-se do agir de YHWH, que gera a salvação, a qual é dada gratuitamente ao povo israelita. Um agir que ultrapassa a norma jurídica, pois Deus, gratuitamente, oferece e promete a Israel como bem da relação que inaugura com seu povo.

Deus é reconhecido pelas suas ações justas, suas obras concretas, que transmitem sua fidelidade e sua amizade ao povo eleito. Estes são os fatores básicos em uma obrigação de acordo. A lembrança dos atos divinos deve-nos convencer da presença de Deus conosco, em crise ou em serenidade e, especialmente, deve nos unir para sempre a seu serviço. No litígio contra Israel, o juízo divino é justo, pois a má conduta dos israelitas não pode ser justificada ou considerada justa. Por isso, deviam reconhecer as obras justas que o Senhor lhes havia dado livremente, o que significava, para Israel, arrependimento e mudança.

3.2 2ª. SEÇÃO: REAÇÃO DO POVO (VV. 6-7)

O texto de Mq 6,6-8 é merecidamente conhecido porque levanta e responde uma questão fundamental de fé: o que o pecador faz para restaurar sua relação com Deus? Essa questão é formulada e a resposta é dada como se o dizer pretendesse colocar o problema de uma maneira compreensível e final. Em uma análise do texto de Mq 6,3-8 vemos que os vv. 6-7 são compostos por perguntas e o v. 8 por resposta; os vv. 3-5 pelo diálogo de YHWH com seu povo, que define os requerimentos para os futuros adoradores. Aquele que pergunta (forma singular), na abertura do v. 6a, procurando instruções sobre os meios a serem utilizados para firmar sua correta relação com Deus, é identificado pelo termo **homem** (vocativo geral) no v. 8a.

A queixa de YHWH é respondida pelo fiel que toma a iniciativa de oferecer um sacrifício, pois acredita que um sacrifício admissível levará Deus a aceitá-lo novamente e reparar sua ofensa. O fiel aqui representa todo o Israel e, em vez de uma resposta direta para as perguntas de YHWH, ou uma análise da evidência, assume o caminho da reconciliação pelo oferecimento de sacrifícios. Tal atitude de Israel para agradar a Deus era impossível. Este tipo de religiosidade está contaminado por uma mentalidade que coloca no sacrifício como tal o fator preponderante para a reconciliação. Ao formular tais questões, o indivíduo apresentou as possibilidades dos sacrifícios de culto. Certamente ele conhece as prescrições da lei, mas parece que ele não assimilou a profecia que apelava para a conversão do coração, um comportamento novo no cotidiano da vida. Assim, a adoração torna-se imoral, sem conexão com um comportamento em sociedade: Deus fala amor, Israel responde com práticas rituais.

O v. 6a demonstra a questão básica: **com o quê** (בְּמָה) indica o procedimento que o questionador acredita que quem lê deve seguir¹⁷. Esta conduta demonstra o profundo descrédito no caráter e ações divinas, transformando o acordo de graça em um contrato sem amor e de barganha. Deus não aceita subornos. Em uma cultura onde há falsas acusações, subornos e opressões, não há justiça. A convicção do povo na mera presença do culto como um talismã contra qualquer dano não era suficiente para salvá-lo da destruição. Israel, ritualisticamente, recitava seu credo, pois se recusava a viver por uma fé que se arrisca em fazer justiça, não compreendendo, assim, o seu significado. Ao recusar o arrependimento de seu descrédito e injustiça, o indivíduo sugere que Deus, como os humanos, possa ser comprado. A intenção pressuposta aqui é abafar uma consciência de culpa. Em lugar de ouvir a Palavra de Deus, Israel se atém aos cultos.

Esta oferta do povo nos lembra a forma semelhante usada por Jacó ao enfrentar Esaú (cf. Gn 32,8ss.), tentando comprá-lo com presentes. O povo de Deus precisa procurar o seu Senhor no desafio de sua história, encarar o Deus vivo para saber qual a resposta apropriada a este Deus. Nesta perspectiva, o povo deveria vir ao seu encontro, em uma proposta diferente de vida impelida pelo compromisso

¹⁷ Veja o uso do interrogativo *bammah* em perguntas sobre a oferta apropriada para ocasiões específicas de se lidar com Deus em 1Sm 6,2; 2Sm 21,3; Gn 15,8 (MAYS, 1976, p. 138).

divino. Diante da transcendência divina os israelitas devem se curvar em profunda reverência e humilde submissão.

O v. 6b apresenta as expressões verbais, como **apresentar-se**, **achegar-se**, **ir ao encontro** (קָרַם); **inclinarse** (כַּבַּף), todas típicas do vocabulário do culto, de alguém familiarizado com a **adoração**. O indivíduo questiona como deve ir diante de Deus e ao mesmo tempo, curva-se diante do Deus do alto. Ele acredita que YHWH é o único Deus, o mais alto, assim reconhece a distância e o contraste entre o próprio fiel e o **Deus exaltado**. Vale ressaltar que a expressão **Deus das alturas** (לְאֵלֵהֵי מְרוֹם) aparece uma única vez na **Bíblia Hebraica**; מְרוֹם é aqui um genitivo de locação incomum como metonímia para o céu, lugar do trono de Deus e sua residência (WALTKE, 1988, p. 732). Confessa soberania absoluta de YHWH; expressa a superioridade de Deus sobre o mundo, poder que não tem fim e cujo senhorio se estende além de todas as direções.

Para os israelitas, o **Deus do alto** era uma divindade tão distante e inacessível, que só poderiam se dobrar diante dele mediante sacrifícios exorbitantes. Nestas interrogações crescentes e grandiosas, o povo declara a sua incerteza de como agradar a Deus¹⁸. Os esforços dos presentes oferecidos para obter o favor de YHWH são desesperadores na dispendiosidade e no aumento das ofertas em cada pergunta. O profeta é veemente ao afirmar que este não é o caminho, pois com Deus não se pode negociar de forma jurídica através de holocaustos¹⁹, bezerras de um ano²⁰, milhares de carneiros²¹, as miríades de torrentes de óleo²². O tamanho

¹⁸ A liturgia da Torah já havia dado a resposta a essa questão (cf. Sl 50,8-9) e os profetas bem cedo haviam repetido o desgosto de YHWH por causa desses ritos (cf. Am 5,21; Is 1,11; Os 6,6).

¹⁹ Esta é a forma mais perfeita dos sacrifícios do ritual hebraico (cf. Lv 1,13-17). Era, portanto, a melhor resposta para o fiel dar à pergunta divina (BERNINI, 1986, p. 321). A oferenda queimada é o único tipo específico de sacrifício mencionado; os outros itens são objeto para serem oferecidos como ou com holocaustos. Era usado em uma variedade de ocasiões com diferentes intenções. Aqui é trazida como um presente e seu propósito é conciliação (MAYS, 1976, p. 139-140).

²⁰ **Novilhos de um ano** constitui um sacrifício especialmente apreciado por serem mais tenros (cf. Lv 9,3) (WOLFF, 1990, p. 177). Para Mays, o filhote de um ano de idade seria mais valioso, pois ele tinha sido mantido e alimentado durante um ano (cf. Lv 22,27) (MAYS, 1976, p. 140). Concorda Bernini (1986, p. 322).

²¹ Eram também vítimas escolhidas que se ofereciam em dias de grandes festas. Esta oferenda, só os ricos podiam fazer (cf. Lv 33,18; Nm 28,11) (BERNINI, 1986, p. 323). Ver também Gn 22,13; 1Sm 15,22; Is 1,11; 1Rs 3,4; 8,63 onde diz que Salomão sacrificou milhares de oferendas; talvez ele seja o modelo de piedade extravagante em mente nesse texto (MAYS, 1976, p. 140).

²² O óleo era uma substância comum e o principal produto da Palestina (cf. Lv 2,1-4,15), por isso usado como complemento do holocausto diário; as oferendas de cereais também iam acompanhadas de óleo, que era muito utilizado para as unções sagradas e para as cerimônias de purificação, além de alimentar as lâmpadas (cf. Ex 27,20; 29,40s; 1Rs 5,25). O óleo era despejado sobre o altar para acompanhar o sacrifício e aumentar seu valor (cf. Ex 29,2; Lv 2 etc.) (MAYS, 1976, p. 140).

das ofertas de sacrifício revela o espírito mundano do adorador: da qualidade, passa a oferecer quantidade.

A expressão verbal **terá prazer** (רצה) no v. 7a refere-se ao ato de aceitar o sacrifício segundo a maneira cúltica, cujo sujeito é Deus²³. Esta fórmula verbal é quase sempre empregada para expressar uma valorização positiva **comprazer-se em algo**. Em Mq 6,7, designa um pagamento de dívida para com YHWH, no sentido de expiação de pecado. No v. 7d a forma verbal **dar, dispor** (נתן) possui o sentido básico **presentear, oferecer, empregar** (HARRIS, 1998, p. 1017). O uso desse verbo em relação ao oferecimento de algo a Deus aparece relativamente pouco; assim também em relação com a oferta de sacrifícios. O exagero da oferta do primogênito retrata o desespero da intenção de alguém se entregar inteiramente a atos de pacificação, indo além de todas as possibilidades legais fornecidas pelo culto. Aqui, o propósito desse sacrifício é explicitamente declarado como sendo pelo pecado e rebelião. Se o adorador ofendeu, ele sabe que a reconciliação deve ser feita, e o que ele anseia é saber quais são as demandas de Deus.

Para Israel, oferecer sacrifícios de crianças só aumentaria seus pecados porque o Senhor havia proibido expressamente este sacrifício (cf. Lv 18,21; Dt 18,10). Jeremias também condenara tal ritual (cf. Jr 7,31; 19,5; 32,32). O que realmente o Senhor quer é a submissão, a obediência, porém, o que o indivíduo não quer é mortificar suas próprias afeições, servindo a Deus como ele requer. Eles ofereciam tudo, até mesmo o que já havia sido proibido por Deus, mas excluía seu amor e obediência. A verdade ensinada nesta passagem é expressa também em 1Sm 15,22; Sl 40,6-8; 50,8-15.23; 51,16-19; Is 1,11-15; Jr 6,19-20; 7,22-23; Os 6,6; Am 5,21-24; Zc 7,4-10 (BARKER; BAILEY, 1999, p. 113).

A justaposição dos termos **transgressão** (פְּשָׁע) e **pecado** (חַטָּאת) é encontrada também em Gn 50,17; Mq 1,5; mas neste versículo, trata-se de uma ruptura da aliança concluída com YHWH. O questionador tem consciência de seu pecado, pois fala pecado de minha alma, que aqui, provavelmente, significa meu próprio pecado. A raiz hebraica פָּשַׁע significa **rebelar-se, transgredir**. É frequentemente empregada

²³ No campo cultual, possui o significado de aceitar ofertas, sacrifícios, etc. (cf. 2Sm 24,23; Jr 14,12; Ez 20,41; Os 8,13; Am 5,22; Mq 6,7; Ag 1,8; Ml 1,8-10; Sl 51,18) (SCHÖKEL, 1997, p. 630). Também na opinião de Allen, é um termo técnico para a aceitação do sacrifício (compare com Lv 1,4; 22,25, etc.) (ALLEN, 1976, p. 370).

para marcar a culpabilidade de Israel. A ideia fundamental da raiz hebraica é de um rompimento nos relacionamentos tanto civis quanto religiosos. A forma verbal designa o abandono do compromisso, uma revolta contra as potências mais fortes. YHWH jamais seria o sujeito de tal ação, pois não há nenhuma autoridade superior a ele, portanto, esta é uma característica humana. O substantivo designa aqueles que rejeitam a autoridade divina e o sentido predominante é o da rebelião contra a lei e a aliança divina. Deste modo, fica claro que pecado é rebelião contra Deus.

A palavra תַּחַת־כַּף possui um sentido puramente técnico para descrever o pecado ou a oferta pelo pecado; o sentido básico da palavra é o de errar um alvo ou um caminho. O conceito de falha ou fracasso em observar as leis divinas fica implícito, e quando o indivíduo age deste modo, está desviando do padrão de vida que YHWH tem para ele, está deixando de observar os requisitos de uma vida digna da eleição divina. Este substantivo, na maioria dos casos representa **sacrifício pelo pecado**. Em Mq 6,6-8 (cf. 3,8) significa violação da lei e falta social (MAYS, 1976, p. 140).

Diante do apelo divino e da resposta do povo comovido e humilhado que quer expiar seu pecado, pois percebera sua alienação de Deus e sua necessidade de uma oferenda, nota-se que as questões lançadas por YHWH não foram entendidas sob a forma de arrependimento piedoso, e sim pelo culto como cumprimento de um acordo. Eles estão prontos para enchê-lo com presentes, para se assegurarem de que ele receba a honra por seu grande nome. A concepção que os israelitas possuíam de YHWH nos mostra que não haviam percebido esta vontade de presença íntima, manifestada no discurso divino. É improvável haver aqui qualquer atitude de conversão. Se isto tivesse ocorrido, mesmo acompanhado de ignorância espiritual, o julgamento não teria seguido em 6,10-16 nem seria necessária a indicação do que Deus quer em 6,8. Pela mediação de seu profeta, Deus não condena o povo, lança apenas um apelo à conversão moral e à fidelidade de todos à aliança divina. Ele reivindica a marca da verdadeira devoção. Nesta perspectiva, o v. 8 está em perfeita consonância com o discurso divino, onde Deus requer de seu povo uma verdadeira inteligência do coração.

Miqueias instrui o povo a restaurar o relacionamento com o Senhor. Não pela quantidade de sacrifícios ou pelos presentes caros, mas pelo comportamento ou atitudes diárias. Parece não haver aqui uma rejeição aos sacrifícios; o profeta

simplesmente reafirma que a lei moral tem prioridade ao ritual. **Miqueias** aponta os abusos que invadiam o culto de seu tempo, que era vazio e não alcançava o seu objetivo essencial. Ele quer recordar a todos a prioridade do respeito à aliança em relação às observâncias rituais. Na realidade, tais sacrifícios, se não estão acompanhados de comoção no coração e de arrependimento dos pecados, não possuem valor. Por mais que multipliquem suas ofertas, mesmo entregando a Deus o que lhes é mais caro, como seus primogênitos, não aplacariam a ira de YHWH, pois, sem a conversão de coração, nada adiantaria.

O homem necessita de uma declaração divina especificando a atitude correta da sua lista de propostas, por isso o profeta responde, no v. 8, declarando, em nome de Deus, o que é preciso fazer para agradá-lo. Só Deus pode indicar o caminho e, se Ele o indica, o povo pode agir de modo a lhe agradecer. Isso demonstra como o povo é incapaz de o fazer e mostra o grau de corrupção da fé israelita, que não havia despertado em atender à prática das virtudes morais²⁴.

O sumário de **Miqueias** engloba tudo o que já foi dito sobre justiça, amor e humildade no relacionamento com Deus, justamente o que falta no meio em que vive. Por isso, o profeta mostra mais uma vez ao povo o que é o mal, acentuando o que Deus já dissera do que é bom. Assim, a questão dos vv. 6-7 distingue-se do v. 8 – entre oferecer sacrifícios a YHWH, pedidos com exagero, e a prática da verdadeira fé. O tripé anunciado por **Miqueias** ao clamor de Deus é, então, a resposta perfeita para sua geração, embora suas palavras sejam de aplicação universal.

3.3 3ª. SEÇÃO: EXIGÊNCIAS DE YHWH (V. 8)

Deus fala novamente aos fiéis que o interrogam. Sua resposta deve ser conhecida e é dada pela mediação do profeta, que não ensina nada de novo, informa o que sua audiência está familiarizada, embora não levasse na devida conta. O profeta apela para a autoridade de sua fala a uma declaração já feita e conhecida a respeito do requerimento de YHWH. Trata-se das diretrizes fundamentais que definem a atitude de cada ser humano diante de Deus.

²⁴ A resposta não serve para a pergunta específica. Ela, ao contrário, muda para a questão do que é bom e lista uma definição de conduta como um tripé. A questão está enfocada em **com o quê** em objetos externos à disposição do questionador, e a resposta está focada no próprio questionador, na qualidade de sua vida (MAYS, 1976, p. 136).

Este versículo é evidentemente de uma importância capital porque ele é o resumo de toda a proclamação, não somente de Miquéias, mas de outros profetas anteriores. **Praticar a justiça** (עֲשׂוּת מִשְׁפָּט), respeitando o lugar do outro, é o tema particular de Amós (cf. Am 5,7.15.24; 6,12) que considera a atuação prática desse dever social como uma chuva que fecunda todo o bem. **Amar o amor** (אַהֲבַת הַסֵּדֶר), cumprir o amor de benevolência, é também o tema da pregação de Oséias (cf. Os 4,1; 6,6). **Caminhar humildemente** (הִצְנִיעַ לְכַת), assim como nas outras práticas anteriores, essa também recebe a influência da mensagem de Isaías (cf. Is 6,4) que **Miquéias** retoma neste humilde sentimento humano diante do divino e que se realiza na prática da vida.

O profeta, ignorando a tentativa desesperadora do fiel, deixou transparecer que suas perguntas estavam fora de foco e que sua religião estava perdendo a dimensão vital. Assim, a dúvida ansiosa sobre o sacrifício é substituída por uma calma certeza sobre o que o Senhor requer. Se YHWH realmente exigisse tais sacrifícios, ele então estaria impondo a seu povo cargas insuportáveis. **Miqueias** relata os requerimentos do Senhor, que, de acordo com os vv. 4-5, cumpriu sua parte em libertar Israel para sua salvação. Era essa dimensão perdida que o profeta buscou prover; por isso, no v. 8, ele repreende Israel por ignorar sua responsabilidade no compromisso espiritual com Deus e com o outro. A concentração na qualidade das ofertas é mudada para um foco na qualidade de vida que é vivida. Bom é o que YHWH requer e, o que é bom, é o que se precisa conhecer. O povo havia perguntado como podia **apresentar-se** e **inclinarse** diante do Deus do alto; o profeta substitui esses dois movimentos por outro diferente: “praticar o direito, amar o amor e caminhar humildemente com Deus” (Mq 6,8). Esta é a atitude que Deus requer do ser humano.

Embora o que está dito em Mq 6,8 supõe já ser conhecido, está anunciado aqui de uma maneira antes nunca ouvida, pois várias ligações de palavras neste verso não aparecem em nenhum outro lugar da **Bíblia**, desta maneira. Portanto, o que já foi dito é, ao mesmo tempo, o ainda nunca ouvido desta forma, o que comprova que este versículo não apoia o jargão **eu digo sempre...** Deus diz ao ser humano o que deseja que seja conhecido e obedecido, mas fora do âmbito cultural, por isso a rebeldia humana é indesculpável. As palavras divinas e os sinais confirmatórios

foram realizados abertamente diante de Israel. Não havia desculpas para a incredulidade.

No texto, o termo אָדָם, que possui o significado de homem, corresponde só em parte à pessoa individual, senão a humanidade que existe como totalidade e a que pertence o indivíduo em particular. A compreensão do ser humano no AT não parte de um ser que existe em si mesmo apoiado em sua própria existência e que, em um segundo momento, entra de um modo ou de outro em relação com Deus. Ao contrário, significa um ser humano que está em relação com Deus, portanto, o ser humano não pode ser entendido enquanto tal se não percebe sua existência como existência ligada a Deus. Na maioria das vezes em que essa palavra é empregada, está relacionada direta ou indiretamente com este caráter humano – o ser que existe frente a Deus como ser vivo com limitações (JENNI; WESTERMANN, 1978, p. 90). O termo é usado aqui como um contraste ao poder e glória divino enfatizando a criatura na constituição humana, para lembrá-la de sua subordinação a Deus e reduzir seu tamanho após sua presunçosa réplica (WOLFF, 1990, p. 180).

O ser humano deve atentar às condições fundamentais requeridas para se tornar bom (טוֹב). Deus reclama algo do ser humano e, é aquilo que reclama (e somente aquilo) que é bom para ele. O substantivo hebraico טוֹב refere-se ao bem ou bondade em seus sentidos mais amplos e não designa uma concepção teórica de bom, mas se define sempre em relação aos atos e vontade de Deus (VUILLEUMIER; KELLER, 1990, p. 73). O bom caminho que YHWH ensinou a seu povo relutante refere-se à vida moral; bom e reto são muitas vezes paralelos para designarem a bondade moral (HARRIS, 1998, p. 566). Portanto, o uso desta palavra afeta também a esfera ética, que aqui deve ser entendida como um padrão ético relacionado às obras salvíficas divinas e não a um comportamento externo para agradar a Deus e se reconciliar com o passado. Trata-se de uma constatação para decidir e ajuizar valores da vida em conformidade com os favores recebidos em um sentimento de gratidão, vivendo do modo que Deus quer - comportamento moldado no de YHWH.

A norma ética que possibilita esta forma de vida é a justiça e o direito, sendo amparada pela sabedoria e a inteligência. É profunda neste aspecto a pregação profética - a ideia da vida ocupa lugar decisivo e concedê-la é algo que pertence a Deus. Só há vida entrando em comunhão com Ele, mantendo-se dentro de seus

estatutos. Desta forma, buscar a Deus é buscar o bem – conceitos idênticos. Enfim, bom é o caminho divino, no qual se atua corretamente.

Deste modo, pode-se afirmar que Mq 6,8 se endereça a dois horizontes: ao do homem criatural e ao da história de Israel. Assim, a forma **מִדָּן** permite reconhecermo-nos como co-endereçados, porém, só podemos ouvir o que nos foi dito em contato com a história do Deus de Israel. Só como Deus de Israel, o Deus a quem nos referimos pode-se tornar também nosso Deus. Daí, não ser involuntária a fala de YHWH ao se dirigir ao povo como **meu povo** e terminar sua instrução com **teu Deus** (WERNER, 1988, p. 245). O que é exigido por YHWH é extremamente necessário e simples. **Miqueias** chama seu povo para uma ética maior do que a de seus vizinhos do Norte, convocando-os a refletirem em cada detalhe da vida em sociedade. Desse modo, para o povo que parece já estar condenado, ainda não é tarde para se converter e encontrar o favor divino.

O v. 8 apresenta três elementos, em três cláusulas infinitivas, para expressar as ações que YHWH espera do ser humano. Estes elementos explicitam o que o profeta entende por **ser bom** (טוֹב). Suas palavras são uma definição clássica do dever do povo em sua relação comunitária e com Deus. A forma verbal **praticar** (עָשָׂה) já traz em si a informação importante sobre o que é bom, pois indica que não há nada de bom, a não ser que seja feito. Praticar a justiça – o que compete a alguém executar. O que há de ser feito é designado pela palavra justiça (מִשְׁפָּט). Este termo designa uma norma como prática, mais ainda, refere-se a mais do que o cumprimento da lei, mais do que não cometer faltas, trata-se de intervir ativamente em favor daquilo que compete ao próximo, a agir em conformidade com a comunidade. Portanto, praticar a justiça é basear-se na bondade e reciprocidade reconhecendo e identificando-se com os necessitados em uma relação fraterna. É viver fielmente na comunidade de acordo com a conduta salvífica comunitária instaurada por Deus (JENNI; WESTERMANN, 1978, p. 639-668).

A expressão **praticar a justiça** é um sintagma frequente, ético ou político e é também expresso por **agir de acordo com o direito**, isto implica na mediação que alguém faz em relação a duas partes em desacordo. Esta intervenção judicial resulta na condenação de uma parte culpada e da declaração da parte inocente. Neste

aspecto representa um ato que salva²⁵. Agir com justiça é sustentar o que é certo, de acordo com a tradição da vontade de YHWH, tanto em procedimentos legais como na conduta da vida. Portanto, esta atitude vai além de tribunais de lei, pois inclui um estilo de vida no padrão mostrado por Deus em palavras e atos. Sendo assim, abrange todas as dimensões das diversas realidades permeadas pela dimensão de salvação.

Fica claro que é YHWH que torna possível este comportamento humano; é Ele quem transforma interiormente a cada um em particular e, mais ainda, aos que são responsáveis pelo direito e pela justiça no povo. Daí ser esse o primeiro dom orientado para formar a base da comunidade. É esta dádiva divina que garante a retidão da relação humana com Deus e de uns com os outros. O compromisso com Deus incluía compromisso com a comunidade.

Esta primeira prática apresenta um elo com **amar o amor** (אהב חסד), a segunda parte do sumário do profeta, que também enfatiza obrigações comunitárias²⁶. É uma atitude interna que possibilita a prática da justiça, por isso, este tipo de amor é verdadeiro e não falso; constante e não instável; confiável e não condicional. Amor que brota de um coração regenerado, que atualiza os atos de salvação de Deus pela lembrança e pela fé. Como Deus é compassivo e cortês, mostrando sempre sua clemência, assim também o ser humano deve comportar-se com os outros com a lealdade e a consideração que Deus requer, não com um desempenho aborrecido de um dever imposto, mas com uma ação espontânea, que significa querer estar com o outro, sentir com o outro (MACKAY, 1998, p. 120).

O substantivo חסד possui um conceito rico que requer múltiplas traduções: amor firme, clemência, fidelidade, lealdade; denota compaixão e amor, descreve qualidade intrínseca divina, pois marca a aliança de Deus com seu povo. Neste texto de **Miqueias** o significado se entende baseado pela lealdade no amor, uma lealdade que YHWH mantém, apesar da resistência de Israel; assim o חסד divino é imerecido,

²⁵ O termo hebreu מִשְׁפָּט é um conceito antigo e importante do AT que denota o processo por meio do qual um veredicto é alcançado. Possui sentido de justiça, retidão e é de importância fundamental para a religião bíblica.

²⁶ Corresponde aqui à caridade cristã, que se estende a todos, que perdoa, ajuda e respeita. Não basta que somente pratique a misericórdia, é preciso amá-la (BUCK, 1981, p. 317). O *hesed* não é propriamente falar de um sentimento, ele define, antes, um comportamento complexo feito de respeito, de atenção, de benevolência, generosidade e fidelidade (RENAUD, 1987, p. 131).

há uma disposição maior de amor, conduzindo o perdão. Deus não nos salvou pela nossa retidão, mas pelo seu amor divino.

É a bondade divina que inspira o ser humano na sua relação com o outro. Quem recebe amor deve corresponder com a mesma disponibilidade, que vai além de meras obrigações, para um agir em uma relação de fidelidade. Portanto, é o amor o elemento que garante a segurança e a estabilidade nas relações humanas. Dessa forma, o amor ultrapassa o reclamável juridicamente, pois não há uma espécie de obrigação; é natural que se auxilie um ao outro, porque é o amor que se realiza em ajuda ativa e amigável, a graça que se concede a alguém, sem estar juridicamente obrigado. É a bondade que faz esquecer por um instante as coisas próprias, quando um outro precisa de sua dedicação. Atitude que se torna modelo do correto comportamento humano. O próprio conhecimento das obras justas de YHWH no v. 5 obriga ao cumprimento do amor e da justiça na relação com a comunidade como resposta às ações gratuitas de YHWH (SHAW, 1993, p. 177). Quando se pratica a justiça e se ama, a obra salvífica do Senhor continua. Isso é o que o ser humano pode oferecer a Deus: sua vida, sua atividade, seus sentimentos, sempre a serviço de seus planos.

Se os dois primeiros requerimentos estavam orientados em direção à ética humana, eles estarão baseados, agora, na revelação do caráter e vontade de Deus. Essa motivação latente é expressa no terceiro requerimento, em uma caminhada cuidadosa com Deus. **Miqueias** vai da solidariedade humana no eixo horizontal, à solidariedade divina, em eixo vertical. Essa condição soa como uma nota nova e única indicando, com sua amplitude, a acentuação que reside nessa afirmação final. O Deus de Israel faz e procura justiça e amor, o humilde caminha com ele nesse curso. Entendido nessa forma, este item não é um requerimento separado, do segundo - representa forma de amar o amor, o que, por sua vez, é uma manifestação de andar humildemente com Deus. Por isso, usa-se o verbo **caminhar** (הלך)²⁷ como símbolo da vivência do dia a dia. Este verbo adquire um matiz especial quando se trata de descrever o caminho que leva a uma meta. Em Mq 6,8, significa caminhar no sentido de comportar-se; corresponde ao homem obediente, seguidor de YHWH (JENNI; WESTERMANN, 1978, p. 683).

²⁷ Denota movimento em geral, embora usualmente é descrito em relação a pessoas (HARRIS, 1998, p. 355).

A expressão **andar humildemente com teu Deus** (הִצַּנַּע לְכַת עִם-אֱלֹהֶיךָ) parece ter sido cunhada como um sumário da série do profeta e não aparece em nenhum outro lugar, senão nos textos de sabedoria (cf. Pr 11,2; Eclo 16,25; 35,3)²⁸. É um caminho de vida que é humilde, de atenção a um Outro; é uma expressão de fé. A humildade (que é o oposto do orgulho, frequentemente denunciado pelos profetas) está em não andar no próprio caminho presunçosamente, mas em obedecer à vontade e ao caminho de Deus. Só quem reconhece com humildade sua condição de criatura é capaz de viver dependente do Senhor. A humildade exige que o homem esteja contente com a vontade divina e queira se submeter a seu guia.

Enfim, o que YHWH requer não é vida de alguma coisa, mas a vida do homem que está diante dele. Não é um sacrifício de alguma coisa fora da pessoa, que pode ser objetivado como um meio de negociar com Deus. É uma obediência a Deus e a seu caminho, ou seja, as três qualidades andam juntas e é somente aplicando a terceira (andar humildemente com teu Deus) que o povo pode começar a praticar as outras duas. Justiça e bondade são qualidades essenciais na natureza do próprio Deus e ambas provêm de pessoas humildes. Se o povo não anda humildemente em relação a Deus, é improvável, senão impossível, que ele ande humildemente com outras pessoas.

Em síntese, o que Deus procura não são simplesmente dons que o ser humano possa lhe oferecer, mas o próprio ser humano. Este é o programa que YHWH requer de seu povo e que não pode ser substituído pelas práticas meramente externas do culto. A mensagem de julgamento de Israel serve de aviso de que a idolatria e a falta de retidão estão excluídas daqueles que vivem sob o governo de YHWH. Essa mensagem serve para todos os povos, o julgamento de Israel é estendido a eles.

A vida boa é acessível a todos os que escutam e respondem ao que Deus mostrou ser bom. Assim, o profeta sublinha com eficácia o que constitui o ponto central do requisitório, tentando arrancar do povo a religião de rito ineficaz e perigosa. Os ritos nada valem sem a fidelidade a Deus, ao comportamento exigido pela solidariedade e comunhão com Deus e os irmãos. Deus não fizera nenhuma demanda desse tipo, Deus quer o indivíduo enquanto tal e não as suas ofertas.

²⁸ A tradução King James utiliza **agir cautelosamente, cuidadosamente**; outra tradução seria **ser discernível, circunspecto** ou **esteja pronto, com vontade de andar com seu Deus** (MAYS, 1976, p. 142).

YHWH não quer destruir seu povo, mas fazê-lo reintegrar-se em seu verdadeiro papel e retornar a caminhar a seu lado. Esta é a postura humilde e atenta que o indivíduo adota quando pratica o direito, quando ama o amor, a bondade. Cumprindo essas exigências a criatura permanece em relação com Deus.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, então, que o texto estudado de Mq 6,1-8 apresenta Deus como força de reeducação ética e de sustento nos propósitos do respeito ao “direito e a justiça”. A busca do amor e da verdade não aspira somente à ética, mas ao comportamento solidário com o próximo. Caminhar, respeitar o direito, agir com solidariedade, fraternidade, é estar pronto a ir, em seguida de Deus.

O escrito de Mq 6,1-8 demonstra esta possibilidade sempre aberta ao ser humano: Deus não procura destruir seu povo, mas quer reintegrá-lo em seu verdadeiro papel, mesmo que ele construa tal possibilidade sobre bases incorretas. O profeta não procura definir o comportamento humano através de abstrações, mas procura atingir seu objetivo ao descrever uma transgressão particular de um grupo humano localizado em uma determinada situação, expõe fatos que são típicos do comportamento humano. Desta forma, dirigiu-se ao ser humano, não aos israelitas em particular, mas a humanidade, aos seres humanos, criaturas racionais capazes de perceberem essa descoberta. O que é falado para todos e em todos os lugares em geral deve, por fé, ser aplicado a nós em particular. Deus mostra em que a nossa verdadeira felicidade consiste. Ele tem mostrado o caminho o qual nós devemos percorrer para que atinjamos o fim almejado.

Percebemos a atualização do texto de Mq 6,1-8, nos dias de hoje, na formação da consciência humana e da retomada dos valores éticos fundamentais para sustentar o projeto de transformação do ser humano, tendo como base o direito humano e as relações existentes entre as pessoas. Em uma sociedade direcionada na dimensão do ter em detrimento do ser, somente uma reeducação ético-religiosa baseada no caráter divino é capaz de restaurar o indivíduo e de qualifica-lo para um mundo melhor. A vida boa é acessível a todos os que escutam e respondem ao Deus que mostra o que é ser bom. Esta é a única resposta que podemos dar a seu amor gratuito.

Este texto de **Miqueias** evidencia um comportamento ético adequado e mostra, que não é qualquer ação religiosa que corresponderá a essa fé. Se o modelo divino é acalentado entre nós, então será atingido o estabelecimento de uma sociedade onde teologia e ética são uma só. O que se objetiva, portanto, é uma reorganização ou reordenação iminente e radical nas condições de vida, em um futuro que conduz a um reino de prosperidade e paz; esperança de uma nova era, em um esforço conjunto e consciente para construir uma cultura mais satisfatória. Nesta perspectiva, assume real importância e atualidade o pensamento de Miqueias, que nos orienta a encontrar na experiência da presença de Deus a viabilidade para essa reeducação ética e religiosa tão necessária. É preciso deixar amadurecer a fé e a moralidade juntas, sob a direção de Deus. A falta de conhecimento de Deus é a principal deficiência não só de Israel, mas de todo ser humano ainda hoje.

A preocupação de **Miqueias** era a falta de cuidados para com os valores tradicionais, uma ideia tão antiga e tão moderna. Desta forma, o estudo realizado visa apresentar a tese de Deus como força de reeducação ética e de sustento nos propósitos ao direito e à justiça com o cuidado de descrever o amor divino na relação fiel com seu povo, assim como o significado de ser fiel a Deus. Só o amor perseverante de Deus é capaz de recuperar o ser humano e o guiar sem mais desvios. Somente em Deus o esforço humano encontra uma explicação e uma finalização adequada. Assim, a religiosidade israelita deixa para a humanidade, como herança, as demandas da santidade divina, para que se possa permanecer e ser reconhecidos como filhos eleitos. A ênfase na Paternidade divina da fé israelita nos proporcionou esta intimidade com o Criador e nos revela um propósito para a história humana.

**TO DO JUSTLY, AND TO LOVE MERCY,
AND TO WALK HUMBLY WITH THY GOD (Mq 6,8)**

ABSTRACT

The text by the prophet Micah (Mk 6,1-8) reveals the past and present time marked by a divine judgment against ethical religiosity. The prophet speak with clarity of the reversal of the values demanded by YHWH and those experienced by Israel. The oracles of Micah represent a clear warning that the path of disobedience will lead

Judah and Jerusalem to disaster. We can that the text of Mk 6:1-8 is true summary of the effect of sin and the offer salvation because it express the believer's commitment, which strives to live in his daily reality the attitude of faith required in the divine commitment and the possibility offered for a new action of fidelity to YHWH. The ethical behavior determined by Micah does not propose a concrete program of reforms, but insist on a principle of conduct already known: priority of the right of God and social justice. The practice of justice and law does not mean to think honestly, but to strive to do justice in daily life and in social relations. The search for love and truth does not only aim at ethics, but at solidarity with others. To walk humbly with YHWH is to be obedient in your path, to respect the law, to act with solidarity, to fraternity, to prefer loyalty.

Keywords: Miqueias. Ethic. Social justice.

REFERÊNCIAS

ALLEN, L.. **The Books of Joel, Obadiah, Jonah and Micah**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1976.

BARKER, K. L.; BAILEY, W.. **Micah, Nahum, Habakkuk, Zephaniah**. Tennessee: B&H, 1999.

BERNINI, G.. **Osea, Michea, Nahum, Abacuc**. Roma: Paolini, 1986.

BUCK, Alonso (coord.). **Daniel y Profetas Menores: La Sagrada Escritura –Texto y Comentario**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1981.

HARRIS, R. L. (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HILLERS, D. R., **Micah: Commentary on the Book of the Prophet Micah**. Philadelphia: Fortress Press, 1984.

JENNI, E.; WESTERMANN, C. **Diccionario Teologico Manual Del Antigo Testamento**. v. 2. Madrid: Cristiandad, 1978.

KELLEY, P. H. **Micah, Nahum, Habakkuk, Zephaniah, Haggai, Zechariah, Malachi**. vol. 14. Tennessee: Broadman Press, 1984. (Layman's Bible Book Commentary).

MACKAY, J. L. **Jonah, Micah, Nahum, Habakkuk and Zephaniah**. Great Britain: Christian Focus, 1998. (Focus in the Bible).

MAYS, J. L.. **Micah**: a commentary. Louisville: The Westminster Press, 1976.

OBERFORCHER, R.; HENTSCHEL, G.. Entstehung, Charakter und Aussageprofil des Michabuches, **Bibel und Kirche** 151 (1996) 150-158.

RENAUD, B.. **Michée, Sophonie, Nahum**. Paris: Gabalda, 1987.

SHAW, C. S. **The Speeches of Micah**: a Rhetorical-Historical Analysis, Londres: A&C Black, 1993.

SCHÖKEL, L. A. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997.

VUILLEUMIER, R.; KELLER C. A.. **Michée, Nahoum, Habacuc, Sophonie**: commentaire de l'Ancien Testament. Genève: Labor et Fides, 1990.

WALTKE, B. K. **Micah**: an introduction and commentary. Illinois: Inter – Varsity Press, 1988.

WERNER, W. Micha 6,8: eine alttestamentliche Kurzformel des Glaubens?. **Biblische Zeitschrift** 32 (1988) 232-248.

WOLFF, H. W. **Micah**: a commentary. Minneapolis: Augsburg, 1990.